

ARROJO, R. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Biblioteca Pierre Menard. Rio de Janeiro, Imago, 212p. 1993.

A TRADUÇÃO ENTRE A PSICANÁLISE E A DESCONSTRUÇÃO

PAULO ROBERTO OTTONI
(UNICAMP)

Rosemary Arrojo toma, já na apresentação de seu livro, uma posição frente à tradução que é contrária àquela que mantém os glichês tradicionais, que *sempre empobreceram e limitaram* qualquer reflexão ou discussão teórica sobre a tradução. Arrojo vai combater esta posição ao longo de todo o livro, fazendo uma crítica severa a esta postura tradicional e propondo uma “nova teoria” que vem acompanhada das reflexões de algumas noções desenvolvidas pela psicanálise de Freud e pelas propostas desconstrutivistas de Jacques Derrida.

Partindo basicamente destes dois pressupostos a autora faz reflexões sobre a Tradução, levantando questões sobre a relação entre a linguagem humana e o ser humano de maneira inovadora. Ao afirmar que o papel do tradutor é o de produtor e transformador de significados, reafirma sua posição defendida em trabalhos anteriores como: *Oficina de Tradução — A Teoria na Prática (Ática, 1986)* e seus ensaios em *O Signo Desconstruído — Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino (Pontes, 1992)*. E também no seu ensaio/verbete sobre “Tradução” no livro *Palavras da Crítica, Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura (Imago, 1992)*.

Esta coletânea de dez textos, sete já publicados em revistas diversas e aqui reelaboradas, e outros três, os últimos da coletânea, publicados pela primeira vez, não só valoriza a tradução enquanto prática, como ilustra e confirma a postura de Jacques Derrida de que um “texto original” está em débito com a tradução, ou seja: *a tradução é uma forma de escritura produtiva exigida pelo original*. (L’Oreille de l’Autre — VLB-éd. Montréal — 1982). Não só junto a esta postura da tradução-escritura, a autora aborda também a tradução como uma atividade profissional na qual o tradutor tem um papel decisivo na produção de significados. Partindo desta proposta Arrojo denomina todo o seu empreendimento teórico de pós-estruturalista.

Um resumo breve de cada um dos textos, respeitando a ordem proposta pela autora, dará uma idéia geral de cada um deles ao ressaltar o que considero fundamental e criativo dentro desta nova perspectiva de tradução.

1. *A Que São Fiéis Tradutores e Críticos de Tradução? Paulo Vizioli e Nelson Ascher Discutem John Donne*. A partir de um confronto, entre dois teóricos e tradutores do poeta John Donne, publicado num jornal paulista, a autora afirma que a “fidelidade” ao poeta não pode estar presente nesta discussão de maneira transcendental; cada um dos envolvidos só pode ser fiel, não ao poeta, mas às teorias subjacentes às suas posturas ou concepções de tradução.
2. *As Relações Perigosas entre Teorias e Políticas de Tradução*. A Tarefa do Tradutor é que está em jogo aqui, numa crítica ao papel do tradutor que será sempre visto como alguém que nunca chegará, com sua tradução, próximo à importância institucional e política do original. Esta postura política tradicional é condenada por Arrojo, por desvalorizar a atividade dos tradutores provocando sérios efeitos nas relações entre eles e as instituições.
3. *Laplanche Traduz o Pai da Psicanálise: As Principais Cenas de um Romance Familiar*. A autora critica a proposta de tradução de Laplanche da obra freudiana, que se origina de uma forte corrente logocêntrica. Ao fazê-lo, a autora redimensiona o lugar do tradutor como um produtor de significados. Sua atuação como tradutor terá uma participação na obra e deverá ser vista como semelhante à posição do autor.
4. *A Tradução como Paradigma dos Intercâmbios Intralingüísticos*. Num dos textos mais densos desta coletânea, podemos ver fluir uma série de colocações que reforçam as posições derridianas da tradução como forma de “escritura”. Arrojo mostra como a tradução, dentro de uma mesma língua ou no jogo complexo de transformação de uma língua “estrangeira” em língua “materna” na produção de significados, “*dramatiza a necessidade da relação, da presença do outro e do idioma do outro.*”
5. *A Tradução Passada a Limpo e a Visibilidade do Tradutor*. Como uma decorrência do texto anterior a autora reforça sua posição frente à questão da desconstrução aprofundando e mostrando as implicações de assumir na tradução a presença do “Outro”, desestabilizando a força que se dá à fidelidade e à neutralidade do “original”.
6. *Sobre Interpretação e Asceticismo: Reflexões em torno e a partir da Transferência*. Neste texto, Arrojo detalha sua paixão pela psicanálise de forma mais contundente. São inúmeras as referências e citações de autores que tratam da questão da psicanálise e as relações entre eles. Essa trama de pensadores dá uma visão mais profunda da importância da psicanálise para se repensar o ato de traduzir.
7. *A Literatura como Fetichismo: Algumas Conseqüências para uma Teoria de Tradução*. O que está em jogo aqui é a relação entre a literatura e a tradução, que segundo a autora, “*nunca foram exatamente amigáveis*”; partindo desta afirmação,

Arrojo desenvolve toda uma reflexão sobre o fetichismo do “texto literário”, enquanto texto impossível de ser traduzido, de ser tocado.

8. *Desconstrução, Psicanálise e Ensino da Tradução*. O texto discute a possibilidade de um ensino da tradução através da abordagem psicanalítica e desconstrutivista; e como estas reflexões terão implicações, entre si, no processo de ensino da tradução.
9. *A Tradução e o Flagrante da Transferência: Algumas Aventuras Textuais com Dom Quixote e Pierre Menard*. Novamente e de maneira mais ilustrativa, a autora confronta-se com as concepções e noções freudianas, por exemplo, e mostra como a de inconsciente e a de transferência desconstrõem as relações tradicionais entre leitura e tradução.
10. *Maria Mutema, o Poder Autoral e a Resistência à Interpretação*. Neste último texto da coletânea podemos ver como, em algumas passagens do romance *Grande Sertão Veredas* de João Guimarães Rosa, reflexões e interpretações abalam e desmoronam as teorias que mitificam a estabilidade do texto original. O que se lê aqui é uma análise que põe em cheque uma abordagem logocêntrica frente ao significado da leitura do texto literário.

Iniciando com a discussão do poeta John Donne e finalizando com o romancista João Guimarães Rosa, Arrojo mostra sua paixão pela literatura que está presente de maneira diferente ao longo de suas reflexões. Discute e confronta em todos os textos a posição tradicional e a pós-estruturalista e as conseqüências que esta postura produz e os seus desmembramentos no ensino da tradução, numa visão feminista da tradução, nas implicações de se estabelecer um novo conceito de “fidelidade”, numa nova visão da leitura e da interpretação que pressupõe uma fusão entre o sujeito e o objeto de análise. A participação da psicanálise é então incorporada de maneira muito específica, quero dizer que a autora analisa momentos da participação do tradutor na constituição por exemplo, do fetiche, e da transferência, conceitos necessários para refletir o papel da psicanálise no processo de desconstrução do sujeito logocêntrico, fundamentais, segundo Arrojo, para desvendar o ato de traduzir.

Por ser uma coletânea, os textos são lidos, na maioria das vezes, isoladamente. Algumas reflexões serão tautologias numa leitura em conjunto, o que é um fator enriquecedor para o leitor identificar os momentos de ligação entre os textos. As diferenças e semelhanças entre eles compõem a trama que coloca a tradução entre a psicanálise e a desconstrução.

Podemos resumir a contribuição teórica deste livro para os estudos da tradução a partir de dois princípios fundadores: a existência de um sujeito do inconsciente; e o ato tradutório como produtor de significados e não como mero transportador de um significado de uma língua para outra. Estes dois princípios colocam a questão da identidade em si do tradutor, fazendo uma crítica à consciência; é o tradutor, ser humano que é colocado em cheque, que Arrojo aos poucos vai desvendando.

As reflexões desta coletânea são provocativas e não deixam o leitor passivo, uma posição frente à tradução será sempre um *corps à corps*, um incômodo que qualquer leitor deverá enfrentar ao ler e reler este livro.